

A AFETIVIDADE COMO EIXO RELEVANTE NO PROCESSO DE INCLUSÃO ESCOLAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Odaléia do Socorro Ferreira Viana

Veni Creator Christian University.

<https://orcid.org/0009-0001-2406-9462>

E-mail: odaleiaferreiraviana43624@gmail.com

Jaqueline Mendes Bastos

<http://lattes.cnpq.br/7200475874198011>

<https://orcid.org.0000-0002-1265-9078>

E-mail: jaquelinebastos321@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2025.V4N3-33>

RESUMO: Este artigo discute a importância da afetividade como eixo relevante no processo de inclusão escolar na educação infantil. O objetivo é refletir como os vínculos afetivos estabelecidos entre professores, alunos e ambiente escolar, podem influenciar no desenvolvimento integral da criança desde os primeiros anos de vida escolar. A afetividade é apontada como mediadora no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no contexto da inclusão de crianças com deficiência ou necessidades educacionais específicas, mas também se apresenta como um fator determinante de inclusão ou exclusão escolar, dependendo de como é trabalhada no contexto pedagógico. Compreende-se que a inclusão escolar não se limita apenas à presença de alunos com deficiência, mas envolve o reconhecimento e o respeito às diferenças, entendidas como as singularidades de cada indivíduo. Por meio de uma abordagem qualitativa e fundamentada em revisão bibliográfica, o estudo evidencia que a afetividade é um componente essencial para a promoção de um ambiente escolar acolhedor, onde as diferenças são respeitadas e valorizadas, as práticas pedagógicas são democráticas e mais humanizadas, de forma a contribuir para a construção de um ambiente escolar inclusivo e uma educação mais inclusiva.

PALAVRAS-CHAVES: Afetividade. Educação Infantil. Inclusão escolar.

AFFECTIVITY AS A RELEVANT AXIS IN THE PROCESS OF SCHOOL INCLUSION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT: This article discusses the importance of affectivity as a relevant axis in the process of school inclusion in early childhood education. The objective is to reflect on how the affective bonds established between teachers, students, and the school environment can influence a child's comprehensive development from the earliest years of school life. Affectivity is considered a mediator in the teaching-learning process, especially in the context of the inclusion of children with disabilities or specific educational needs, but it also presents itself as a determining factor in school inclusion or exclusion, depending on how it is addressed in the pedagogical context. It is understood that school inclusion is not limited to the presence of students with disabilities, but involves recognizing and respecting differences, understood as the uniqueness of each individual. Through a qualitative approach and based on a literature review, the study

highlights that affection is an essential component for promoting a welcoming school environment, where differences are respected and valued, and pedagogical practices are democratic and more humanized, contributing to the construction of an inclusive school environment and a more inclusive education.

KEYWORDS: Affection. Early Childhood Education. School Inclusion.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar é um dos maiores desafios enfrentados pela educação contemporânea, especialmente no contexto da Educação Infantil, onde se constrói a base do desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança e onde também é notório que depois do vínculo familiar, a escola torna-se a base da criança. Nesse cenário, a afetividade surge como um elemento fundamental para garantir uma aprendizagem significativa e uma convivência escolar acolhedora, respeitosa e equitativa.

Na perspectiva de Vygotsky (1991), o desenvolvimento infantil é indissociável das interações sociais e da mediação do adulto no processo educativo. A afetividade, nesse contexto, não pode ser separada da cognição, pois ela influencia diretamente a motivação, o interesse e o engajamento da criança nas atividades pedagógicas. Portanto, ao promover relações afetivas positivas entre professores e alunos, cria-se um ambiente propício à aprendizagem e ao desenvolvimento integral.

Nesse sentido, o texto aborda a afetividade como eixo relevante no processo de inclusão escolar na educação infantil, tendo como objetivo refletir como os vínculos afetivos estabelecidos entre professores, alunos e ambiente escolar, podem influenciar no desenvolvimento integral da criança desde os primeiros anos de vida e contribuir para a construção de um ambiente escolar mais inclusivo.

A inclusão, por sua vez, não se resume apenas ao acesso físico à escola, mas envolve a garantia de participação ativa de todas as crianças no cotidiano escolar, respeitando suas diferenças e necessidades específicas (Mantoan, 2006). Para que isso ocorra, é imprescindível que os educadores desenvolvam práticas pedagógicas baseadas no respeito à diversidade e sustentadas por vínculos afetivos sólidos. Segundo Wallon (2007), a afetividade é um dos pilares da formação da personalidade e deve ser considerada como elemento essencial na construção de vínculos sociais e escolares.

A Educação Infantil inclusiva exige, portanto, um olhar atento e sensível por parte dos educadores, que devem atuar como mediadores do conhecimento e promotores de relações sociais saudáveis. A presença da afetividade nas interações diárias favorece a aceitação das diferenças, estimula a empatia e fortalece o sentimento de pertencimento, aspectos fundamentais para o sucesso da inclusão escolar.

A afetividade, conforme apontado por teóricos como Henri Wallon (2007) e Lev Vygotsky (1991) é parte indissociável do processo de aprendizagem, influenciando diretamente o desenvolvimento da criança e a forma como ela interage com o mundo. No contexto da inclusão, esse aspecto assume ainda maior relevância, pois crianças com deficiências ou necessidades específicas demandam vínculos de confiança, empatia e respeito para se sentirem pertencentes e motivadas a aprender.

As variáveis efetivas são os fatores emocionais e psicológicos que interferem na forma como o aluno aprende, participa e se envolve nas atividades escolares. Entre essas variáveis, podemos destacar: Ansiedade: Sentimento de tensão ou medo que pode atrapalhar o desempenho do aluno; Motivação: O quanto o aluno se sente estimulado a aprender; Autoestima: A percepção que ele tem de si mesmo enquanto estudante; Interesse: O grau de curiosidade ou envolvimento com os conteúdos escolares; Segurança emocional: Sentir-se acolhido e valorizado no ambiente escolar.

As variáveis afetivas ganharam destaque com a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em 1997, os quais apontaram que a ansiedade pode gerar situações desfavoráveis à aprendizagem, resultando, inclusive, em bloqueios ou seja as barreiras emocionais ou psicológicas que impedem ou dificultam a aprendizagem. Na introdução dos PCNs (1997, p. 98), é enfatizado que “os aspectos emocionais e afetivos são tão importantes quanto os cognitivos, principalmente para os alunos prejudicados por fracassos escolares ou que não estejam interessados no que a escola pode oferecer”.

A aprendizagem e a afetividade estão diretamente relacionadas: quando o estudante não está motivado e envolvido com o processo de aprender, ambas ficam comprometidas. Por isso, o papel do educador é fundamental, ele deve estar atento às necessidades dos alunos e buscar um ensino contextualizado, capaz de promover a aprendizagem significativa, ou seja, relacionado com sua realidade, conhecimentos prévios e interesses pessoais.

A ideia central é que o estudante aprende de forma mais eficaz quando ele consegue relacionar o conteúdo novo com algo que já conhece ou com situações do seu cotidiano. Isso torna o aprendizado mais relevante, envolvente e duradouro.

Ainda segundo os PCNs (1997, p. 93), é essencial estimular a disposição do educando para aprender com sentido, uma vez que ele “precisa tomar para si a necessidade e a vontade de aprender”.

Segundo Maturana (1999, p. 15), “vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui o viver humano, e não nos damos conta de que todo sistema racional tem um fundamento emocional”. Essa afirmação nos leva a compreender que há uma relação intrínseca entre afetividade e racionalidade no ambiente escolar. O autor destaca a importância das emoções como parte essencial do viver humano, enfatizando que elas não estão separadas da razão, mas sim entrelaçadas com ela. Ele sugere que as escolhas racionais que fazemos são sempre guiadas por motivações, valores e sentimentos, ou seja, por uma base afetiva.

Nesse sentido, Wallon (apud Almeida, 2004, p. 82) complementa ao afirmar que “a emoção só será compatível com os interesses e a segurança do indivíduo se souber se compor com o conhecimento e o raciocínio”, o que reforça a importância da integração entre emoção e cognição para que a aprendizagem significativa ocorra.

Conforme destacam Ribeiro e Juras (2006, p. 43), a afetividade exerce um papel fundamental na construção de um ambiente pautado na compreensão, na confiança, no respeito mútuo, na motivação e no amor, elementos que favorecem significativamente o processo de aprendizagem escolar. Os autores dizem que a aprendizagem não depende apenas de métodos e conteúdo, mas também das relações humanas e do ambiente emocional no qual ela acontece, quando o aluno se sente acolhido, respeitado e motivado, ele participa com mais confiança e tem mais disposição para superar as dificuldades encontradas. Nesse sentido, torna-se essencial considerar a dimensão afetiva tanto dos alunos quanto dos educadores. Como observa Arantes (2002, p. 172):

“Os sentimentos, as emoções e os valores devem ser encarados como objetos de conhecimento, posto que tomar consciência, expressar e controlar os próprios sentimentos talvez seja um dos aspectos mais difíceis na resolução de conflitos. Por outro lado, a educação da afetividade pode levar as pessoas com quem interagem no dia a dia”

Segundo Pérez-Gómez (2000, p. 95), “o aluno aprenderá de forma relevante o que considerar necessário para sobreviver com êxito na escola, o que venha exigido pelas peculiaridades da cultura escolar”. Isso evidencia que o processo de aprendizagem está fortemente influenciado por um conjunto de sentimentos, emoções e sensações, despertados por fatores que motivam o educando a aprender. O autor vem destacar que a aprendizagem é um processo profundamente influenciado pelo contexto cultural da escola e pelas experiências subjetivas do aluno. Ou seja, o estudante não aprende apenas o conteúdo por si só, mas aquilo que faz sentido dentro da lógica escolar e esse sentido é construído com base em fatores emocionais, sociais e culturais.

Ainda Pérez-Gómez (2000, p. 87), “somente se pode transformar significativamente o conhecimento que a criança utiliza, ou o indivíduo adulto, quando ela mesma mobiliza seus esquemas para interpretar a realidade”. Dessa forma, no contexto escolar, é fundamental que o educador promova uma articulação entre o pensamento, os sentimentos e as ações do educando. A inclusão ou exclusão do aluno no processo de aprendizagem está diretamente relacionada ao desenvolvimento da dimensão afetiva, à qualidade da interação entre educador e educandos e à construção de uma relação de confiança mútua, que favoreça o fortalecimento da autoconfiança e da autoestima de ambos. Esses aspectos são potencializados quando há segurança emocional e clareza no autoconhecimento que orienta as decisões pedagógicas em sala de aula.

Reforçando as ideias de Pérez-Gómez (2000), evidencia-se a relevância da relação entre afetividade e a construção do conhecimento, bem como da contextualização desse saber na realidade cultural do educando, o que permite uma transformação significativa no processo de aprendizagem. A capacidade de aprender a aprender refere-se a uma postura ativa de mediação entre as experiências externas e as atitudes desenvolvidas pelo educando. Nesse sentido, ensinar a pensar consiste em favorecer o desenvolvimento de habilidades que possibilitem a aplicação do conhecimento na transformação da realidade. Além disso, o estímulo à criatividade promove o dinamismo do pensamento, mediante uma busca dialógica com a descoberta, sustentada pela imaginação, pela intuição e pela emoção, no exercício contínuo de construção do saber.

A AFETIVIDADE COMO ELEMENTO MEDIADOR NO CONTEXTO ESCOLAR

A afetividade no contexto escolar é um componente essencial para o desenvolvimento integral do aluno, sendo inseparável dos processos de ensino e aprendizagem. Mais do que um ambiente de transmissão de conteúdos, a escola é um espaço de relações humanas, onde sentimentos, emoções e vínculos desempenham um papel fundamental na construção do conhecimento e na formação da identidade dos estudantes.

Estudos apontam, a afetividade é um aspecto complexo de ser conduzido, pois transita constantemente entre o bem-estar e o mal-estar. Consideramos como afetividade positiva aquela que possibilita a escuta empática, ou seja, a capacidade de reformular as falas do outro com o objetivo de compreendê-lo verdadeiramente. Trata-se de oferecer uma devolutiva que toque o essencial de sua experiência afetiva, levando-o a um confronto consigo mesmo e estimulando uma reflexão que o ajude a repensar seus caminhos em busca da solução de um problema. É, portanto, um exercício de autorreflexão o verdadeiro “conhece-te a ti mesmo”, como propôs Sócrates (Platão, 2001)

Segundo Henri Wallon (2007), a afetividade ocupa um lugar central no desenvolvimento da criança, influenciando diretamente sua motricidade, cognição e socialização. Em sua teoria, Wallon afirma que: “a afetividade não é apenas uma condição do desenvolvimento cognitivo, mas uma força que o impulsiona”. Para o autor, emoção e cognição estão profundamente entrelaçadas no processo de aprendizagem, sendo impossível separá-las na prática pedagógica. Ele defende que as manifestações afetivas são tão importantes quanto as funções intelectuais, quanto o emocional para o progresso da criança.

Lev Vygotsky (1991), por sua vez, destaca a importância das interações sociais para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Nesse sentido, o afeto tem papel mediador nas relações estabelecidas entre professor e aluno, bem como entre os próprios colegas, sendo decisivo para a motivação, autoestima e confiança da criança em seu processo de aprendizagem.

No contexto da educação inclusiva, a afetividade assume um papel ainda mais relevante. Crianças com deficiência ou necessidades específicas muitas vezes enfrentam barreiras físicas, pedagógicas e atitudinais, e o vínculo afetivo com o educador pode ser o primeiro passo para superar essas dificuldades. O reconhecimento, o carinho e o respeito contribuem para que todas as crianças se sintam pertencentes e valorizadas dentro do espaço escolar.

A afetividade desempenha um papel essencial no processo de inclusão escolar, pois está diretamente relacionada à construção de vínculos, ao respeito às diferenças e à valorização do outro. Quando o ambiente escolar é afetivo, os alunos se sentem acolhidos, seguros e motivados a aprender, especialmente aqueles com necessidades educacionais especiais.

Segundo Candau (2000, p. 68), mudam as culturas sociais de referência, mas a cultura da escola parece gozar de uma capacidade de se autoconstruir independentemente e sem interagir com esses universos. Essa afirmação nos leva a compreender que, muitas vezes, a escola mantém uma cultura própria que ignora o diálogo com as diferentes culturas presentes em seu entorno. Ainda, conforme a autora Candau (2000, p. 68), é possível detectar um congelamento da cultura da escola que na maioria dos casos, a torna estranha aos seus habitantes. No entanto, percebe-se a necessidade de uma nova abertura que favoreça o diálogo entre a escola e a comunidade. As manifestações culturais locais e regionais, presentes no cotidiano escolar, compõem um saber vivo, construído e reconstruído por meio do intercâmbio entre os sujeitos que formam a cultura escolar. Quando essa abertura ocorre, promove-se o bem-estar afetivo dos membros da comunidade escolar, especialmente do educando e do educador.

O sentimento de pertencimento a uma cultura, o respeito às diversidades presentes na singularidade de cada grupo e a valorização das potencialidades individuais contribuem para resultados positivos no ambiente escolar. Esses fatores favorecem a permanência dos alunos, reduzem os índices de reprovação e fortalecem as estratégias de consolidação da inclusão escolar.

O EDUCADOR E O SEU PAPEL NA RALAÇÃO PEDAGÓGICA E AFETIVA

No cotidiano escolar, a afetividade se manifesta por meio de atitudes como o acolhimento, o respeito à diversidade, a escuta atenta e o cuidado com o outro. Quando o educador estabelece vínculos afetivos positivos com seus alunos, cria-se um ambiente seguro e estimulante, que favorece a participação, a curiosidade e a autonomia. Por outro lado, a ausência de afeto pode gerar sentimento de insegurança, desinteresse e exclusão.

O educador é peça-chave na construção de um ambiente escolar afetivo e inclusivo. Sua sensibilidade, formação e disposição para acolher as diferenças, influenciam diretamente na qualidade da experiência educacional das crianças. A presença de relações afetivas positivas entre professores, alunos e demais membros da escola, favorece o desenvolvimento cognitivo, social e emocional dos estudantes. A afetividade contribui para a autoestima e autonomia, além de reduzir barreiras atitudinais que dificultam a inclusão.

A afetividade positiva promove sensações de prazer e alegria, além de favorecer reações adequadas diante de diferentes situações. O educador desempenha papel fundamental nesse processo, oferecendo apoio ao educando para que ele supere bloqueios emocionais relacionados a determinada disciplina. Além disso, o educador contribui para que o aluno reconheça e gerencie emoções que possam ser prejudiciais à aprendizagem.

Um dos papéis do educador emocionalmente inteligente consiste em estimular as competências emocionais de seus alunos. [...] O professor deve, pois, utilizar meios que permitam ao aluno sentir as coisas que aprende. Deverá então encontrar o modo de estimular seu lóbulo pré-frontal esquerdo, a fim de otimizar seu bem-estar emocional. Poderá, conseqüentemente, solicitar e estimular todas as competências emocionais do aluno (Chabot; Chabot, 2008, p. 131).

O bem-estar emocional permite ao educando estabelecer conexões entre o conteúdo ensinado e os sentimentos que estimulam o 'sentir' no processo de aprender. Uma vivência afetiva intensa leva o educando a voltar-se para si mesmo, favorecendo o desenvolvimento da inteligência emocional. Isso, por sua vez, desperta a atenção, a motivação, o engajamento e, principalmente, o interesse genuíno pelo aprendizado. É fundamental que o educador desenvolva a empatia, pois, ao perceber os sinais emitidos pelo educando, torna-se capaz de transformar aspectos negativos em positivos, favorecendo, assim, um processo de ensino mais eficaz. Nesse sentido, concordamos com

Goleman (apud Chabot; Chabot, 2008, p. 141):

os indivíduos empáticos sabem ouvir os inúmeros sinais emocionais e isto faz com que sintam as emoções não-explicitas de uma pessoa ou de um grupo. São capazes de ouvir com atenção e de compreender a perspectiva do outro. Um indivíduo dotado de empatia não terá dificuldades para entender-se com pessoas de meios diversos e de outras culturas.

Assim, o educador contribui para o desenvolvimento da afetividade positiva ao reconhecer e valorizar a diversidade presente em seus alunos, promovendo o 'cruzamento de culturas' (Pérez Gómez, 2000) elemento essencial para fortalecer vínculos, garantir a permanência e despertar o interesse pelo aprendizado no ambiente escolar. Esse encontro entre culturas pode gerar tensões e contrastes de significados que, quando ignorados, tendem a favorecer o afastamento e até o abandono escolar. Nessa dinâmica, o educando pode manifestar agressividade, apatia ou medo, como reflexo da dificuldade em compreender conteúdos que não dialogam com sua cultura de origem.

A prática pedagógica pautada na afetividade envolve observar, escutar e interagir com as crianças de forma respeitosa, compreendendo suas expressões e necessidades. Além disso, é fundamental que o professor atue de forma colaborativa com a equipe pedagógica, com os familiares e com os profissionais de apoio, promovendo um trabalho interdisciplinar que favoreça o desenvolvimento global da criança. Dessa forma, possibilitar a afetividade na escola não é apenas uma questão de sensibilidade, mas de compromisso pedagógico e ético. Fortalecer os laços afetivos entre educadores, alunos e comunidade é investir em uma educação mais humana, justa e transformadora, capaz de acolher a diversidade e potencializar as capacidades de todos.

Para que a inclusão escolar seja efetiva, é necessário que o educador tenha uma postura empática, aberta ao diálogo e comprometida com a diversidade. A afetividade, nesse contexto, não se resume a sentimentos, mas envolve atitudes, práticas pedagógicas e a criação de um ambiente de respeito e confiança. Portanto, promover a afetividade na escola é fundamental para garantir uma educação inclusiva, humanizada e de qualidade para todos os alunos.

RESULTADO

Os dados das pesquisas analisados revelam que a afetividade é um elemento essencial na promoção de uma educação infantil verdadeiramente inclusiva. A criação de vínculos afetivos entre educadores e crianças permite o desenvolvimento de um ambiente seguro, no qual o processo de aprendizagem é potencializado e o respeito às diferenças é fortalecido.

No contexto da inclusão, a afetividade torna-se um instrumento essencial para garantir o acolhimento e a valorização da individualidade de cada criança.

Como destaca Wallon (2007), “a afetividade é o centro da personalidade e influencia o desenvolvimento cognitivo, motor e social da criança”. A partir dessa perspectiva, compreende-se que o vínculo afetivo não apenas favorece a adaptação da criança com deficiência ao ambiente escolar, mas também estimula sua autonomia, autoestima e participação ativa nas atividades pedagógicas.

O autor defende que a afetividade é uma base essencial do desenvolvimento humano, especialmente na infância. Ele não vê a afetividade como algo separado da razão ou do aprendizado pelo contrário, para ele, emoções e sentimentos estão profundamente ligados à forma como a criança pensa, age e se relaciona. No dizer de Wallon o desenvolvimento da criança é integral e interdependente, a afetividade está na base de tudo sem ela, não há aprendizagem verdadeira nem inclusão significativa.

Além disso a presença de uma prática pedagógica sensível e afetiva favorece a construção de uma cultura escolar mais empática, comprometida com a diversidade e com o respeito às diferenças. Dessa forma, compreende-se que a afetividade deve ser considerada um componente central e estruturante nas práticas pedagógicas voltadas à inclusão na educação infantil, e não apenas um elemento acessório.

Diante da análise realizada, reafirma-se a importância da afetividade como elemento estruturante no processo de inclusão na Educação Infantil. As interações afetivas estabelecidas no ambiente escolar não apenas favorecem o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças, mas também potencializam práticas pedagógicas mais humanas e inclusivas. Quando educadores se comprometem com uma escuta sensível, um olhar atento e uma postura acolhedora, contribuem diretamente para

a valorização das diferenças e para o fortalecimento de vínculos significativos. Assim, a afetividade se consolida como um caminho essencial para a promoção de uma escola que respeita, acolhe e transforma, garantindo a todas as crianças especialmente aquelas com necessidades educacionais especiais o direito de aprender e conviver em um ambiente justo e equitativo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A afetividade em sala de aula deve ser compreendida como um elemento essencial nas relações estabelecidas entre educador e educandos. Como destaca Monte-Serrat (2007, p. 57), “reprimir as emoções ou agir exclusivamente de acordo com elas são atitudes extremas e prejudiciais para a pessoa”. Por isso, a afetividade deve ser reconhecida como uma mediadora da aprendizagem e, conseqüentemente, da inclusão escolar de todos os estudantes.

Embora a afetividade não substitua a racionalidade pois a mesma está diretamente associada ao domínio cognitivo, ou seja, ao uso da razão, da inteligência e do pensamento estruturado para aprender e ensinar. De acordo com Demo (2000), a racionalidade é fundamental no processo educativo, pois permite ao sujeito não apenas absorver informações, mas também questioná-las, reconstruí-las e aplicá-las de maneira crítica e criativa.

No entanto, a racionalidade, por si só, não garante uma educação integral. É necessário que ela seja equilibrada pela afetividade, uma vez que, como destaca Freire (2005), “não há educação sem amor”. Assim, uma prática pedagógica eficaz exige a integração entre razão e emoção, promovendo um ambiente de aprendizagem mais completo e humanizado. Ela a complementa e equilibra, promovendo uma experiência educacional mais harmônica e coerente. Tanto o domínio afetivo quanto o cognitivo são partes fundamentais da constituição humana. Freire (2005, p. 29) enfatiza que “não há educação sem amor” e que “quem não ama não compreende o próximo”, evidenciando a importância da afetividade no cotidiano escolar. Nesse sentido, Cury (2001, p. 23) afirma que “sem vínculo, o amor não cresce (...) Não creia em manuais mágicos na educação.

Creia na sensibilidade”. Dessa forma, a afetividade precisa estar presente de maneira constante no ambiente escolar.

A inclusão escolar, conforme a Declaração de Salamanca (1994) vai além da questão das deficiências, sendo entendida como o acolhimento de qualquer estudante, respeitando suas características, potencialidades e habilidades. Nesse contexto, a afetividade se apresenta como um caminho eficaz para reintegrar aqueles que foram marginalizados pelo próprio sistema educacional. A inclusão escolar deve permitir o ingresso, a permanência e o desenvolvimento de estudantes com quaisquer tipos de dificuldades físicas, motoras ou cognitivas, assegurando-lhes o direito ao aprendizado e à inclusão social. Assim, a afetividade se consolida como mediadora entre os processos de aprendizagem e os vínculos construídos na sala de aula.

Compreendemos a diferença como a singularidade de cada indivíduo, expressa em seus comportamentos, histórias de vida, e nas realidades sociais e culturais que vivenciam. A permanência do estudante na escola está diretamente ligada a fatores como aceitação, motivação e autoconfiança, elementos que podem ser estimulados por meio do vínculo afetivo. Quando as relações afetivas são positivas, elas orientam o comportamento dos alunos e fortalecem o compromisso com a aprendizagem.

O educador tem o papel de demonstrar a importância de cada educando com ou sem deficiência destacando o valor de sua existência e sua capacidade de transformar a realidade. A inclusão escolar deve ser compreendida também como permanência ativa em sala de aula, o que demanda a gestão consciente da afetividade no cotidiano educacional.

É importante reconhecer que o domínio afetivo é altamente visível e contagiante, manifestando-se através de expressões faciais e comportamentos. Elementos como a comunicação que promove escuta ativa, empatia e entusiasmo, a motivação que desperta interesse, engajamento e confiança, a autonomia que incentiva criatividade, flexibilidade e adaptação e o autoconhecimento que fortalece o autocontrole, a perseverança e o otimismo, são fatores que tornam a aprendizagem mais significativa e estimulam o desenvolvimento da inteligência emocional no processo educacional.

Diante do que foi exposto, compreende-se que a afetividade é um componente essencial no processo de ensino-aprendizagem, não apenas por humanizar as relações em sala de aula, mas por ser um fator determinante na construção do vínculo entre educador e educando.

A afetividade, quando bem trabalhada, contribui significativamente para a inclusão escolar, promovendo um ambiente acolhedor, motivador e propício ao desenvolvimento integral dos estudantes. Mais do que complementar a racionalidade, a afetividade equilibra o processo educacional, tornando-o mais coerente com a complexidade do ser humano, que envolve tanto aspectos cognitivos quanto emocionais. Nesse contexto, o papel do educador ultrapassa a mera transmissão de conteúdos, exigindo sensibilidade, escuta ativa e disposição para construir relações baseadas no respeito e na valorização da diversidade.

A inclusão, portanto, deve ser vista de forma ampla, considerando as singularidades de cada educando e promovendo sua participação plena no ambiente escolar. A afetividade é, nesse processo, uma ponte entre o conhecimento e o acolhimento, capaz de transformar a realidade de estudantes que, por diferentes razões, enfrentam barreiras no acesso e na permanência na escola. Assim, promover uma educação afetiva é também promover uma educação mais justa, empática e inclusiva, na qual todos os estudantes com ou sem deficiência sintam-se pertencentes, valorizados e capazes de aprender.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita da Silva. **O que é Afetividade?** Reflexões para um conceito. 1999.
- ALMEIDA, Laurinha ramalho de. **A afetividade e a construção do sujeito na perspectiva de Henri Wallon.** São Paulo: Moderna, 2004.
- ARANTES, V. A. **A afetividade no cenário da educação.** In: OLIVEIRA, M.K. de, SOUZA, D. T. R, REGO, T.C. (Orgs.): psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea. São Paulo: Moderna, 2002.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da educação Nacional (LDB/96). Diário oficial da União. Brasília: nº 248, 23 de dezembro, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF,1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, Vera Maria. **Cultura, escola e currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

CHABOT, Dominique; CHABOT, Huguete. **A inteligência emocional na sala de aula: exercícios e atividades para professores e alunos**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. Porto Alegre: Artmed, 2008.

CHABOT, Jean; CHABOT, Suzanne. **Educar com inteligência emocional**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. São Paulo: Sextame, 2001.

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 30. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

FREIRE, PAULO. **Pedagogia do oprimido**. 50. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, '1999.

MONTE-SERRAT, D. M. **A afetividade na prática docente: uma construção possível**. Petrópoles: Vozes, 2007.

PÉREZ GÓMEZ, A. I. **A Aprendizagem escolar: fundamentos e processos**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REZENDE, Daniel. **O autoconhecimento em Sócrates: a centralidade do “conhece-te a ti mesmo” na ética socrática**. Revista Filosofia Capital, n. 15, 2019.

RIBEIRO, T. M. P; JUTRAS, F. **Afetividade e aprendizagem: uma abordagem psicológica da relação entre o conhecer e o sentir na construção do saber**. Campinas, SP: Alínea, 2006.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais**. Salamanca, Espanha, 7 a 10 de junho de 1994.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins, 2007.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henry. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópoles: Vozes, 2008.

Submissão: abril de 2025. Aceite: maio de 2025. Publicação: agosto de 2025.